



AS CAUSAS DA INDISCIPLINA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Jaqueline de Queiroz Castro

(Bolsista Pró-licenciatura, Curso de Letras, UEG-CCSEH).

Silvair Félix dos Santos

(Docente, Curso de Letras, UEG-CCSEH).

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre a indisciplina nas aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica, já que esse problema é considerado, por muitos professores, como um dos maiores desafios enfrentado na sala de aula. Diante disso, se faz necessário conhecer suas principais causas, abandonando a visão arcaica de que a indisciplina está restrita a comportamentos e que o aluno é seu único causador, pois, entender o problema é fundamental para conseguir resolvê-lo.

PALAVRAS-CHAVES: Indisciplina. Língua Portuguesa. Metodologia. Ensino-aprendizagem.

Introdução

O objetivo deste trabalho é investigar quais são as causas da indisciplina nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental da Educação Básica e poder entender quais são os conceitos apropriados pelos professores sobre a indisciplina e analisar algumas consequências da indisciplina no aprendizado.

A presente pesquisa é de cunho qualitativo que, para Denzin e Lincoln (2006, p. 17), “é uma atividade situada que localiza o observador no mundo”. A investigação foi feita no ambiente onde ocorre o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Os sujeitos investigados são alunos e professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola do município de Anápolis no Estado de Goiás no ano letivo de 2015.

A problemática

A indisciplina é um dos desafios mais comuns que os professores enfrentam na escola. É um problema desgastante e desanimador que leva muitos profissionais a abandonarem a profissão. Em uma pesquisa feita pelo IBOPE e a revista Nova Escola foram entrevistados 500 professores e 69% deles afirmaram que a indisciplina e a falta de atenção são os principais problemas encontrados em sala de aula (VICHESSI, 2009).



A disciplina, para Durkheim (apud ESTRELA, 1994. p. 35), “é a moral da classe, como a moral propriamente dita é a disciplina do corpo social”. No entanto, Joe Garcia (2011) afirma que a ideia da indisciplina restrita a comportamentos já está ultrapassada e a escola precisa superar essa visão para conseguir entendê-la, pois, pensá-la apenas como um problema de comportamento nunca resolverá esta questão, já que um bom comportamento pode não significar disciplina. Ele afirma ainda que a indisciplina tem causas tanto internas quanto externas, ou seja, tanto dentro da escola quanto fora de escola. As causas internas podem ser entendidas como o ambiente escolar que não está propício ao processo de ensino-aprendizagem, a relação entre professor e aluno, o perfil dos alunos e a dificuldade de adaptação do aluno ao esquema escolar. Já as causas externas, que são encontradas fora da escola, são as influências das mídias, como a televisão e a internet, as relações familiares e a violência, dentre outras.

Já para Ferrari (2005), muitos professores entendem a indisciplina como a falta de interesse dos alunos e da família, não entendendo que são muitas as causas que levam o aluno a ser indisciplinado. Este autor ainda defende que muitos adultos também não têm disciplina, por exemplo, quando o fato de uma pessoa que come fora de hora ou que chega atrasada nos compromissos é considerada indisciplinada. Isso nos mostra que o aluno vive em um mundo rodeado de pessoas que são indisciplinadas, por isso, é influenciado por essas atitudes que o leva a ser indisciplinado também na escola.

Entendemos, porém, que a partir de Ribeiro (2008) uma das causas da indisciplina é a falta de participação dos pais no desenvolvimento dos filhos. Antes, a mãe trabalhava cuidando da casa e dos filhos, com o passar do tempo este fato veio se transformando e as mães começaram a trabalhar fora de casa e a passar menos tempo com os seus filhos. Assim, com o pouco tempo que tem com os filhos, os pais se tornam permissivos, não impondo limites e não ensinando o que é certo e errado. Isso faz com que a escola assuma um papel que não é só dela: o de educar para a cidadania.

Para uma formação que alcance a cidadania, os sujeitos que compõem as relações na escola precisam compreender e praticar algumas regras sociais, já que elas são necessárias para se conviver em sociedade. Essas regras precisam ser seguidas tanto pelo professor quanto pelo aluno para que se crie um ambiente propício para o ensino e aprendizagem. Vichessi (2009) classifica essas regras em dois tipos: morais e convencionais. A primeira diz respeito as regras comuns a toda sociedade, por exemplo, não roubar. Já o segundo tipo de regras, as convencionais, são formadas em determinados ambientes e seguidas por pessoas que fazem



parte desse ambiente, por exemplo, o uso do boné pode ser permitido em uma escola e não ser permitido em outra.

Hoje em dia, com o uso da tecnologia, os alunos ficam o tempo todo conectado em redes sociais, jogos, entre tantos outros dispositivos, que fazem com que eles se distraiam nas aulas. No entanto, eles dizem que quando a aula é dinâmica, sentem prazer em participar, porém, quando a aula é rotineira e chata preferem o celular, conversar com colegas ou fazer qualquer coisa que pareça mais legal que a aula.

Por isso, fatores que oportunizem a motivação em sala de aula são desafios que necessitam de serem pensados para que o aluno tenha o interesse em aprender. Essa motivação é entendida por Nérici (1993, p. 75) como "o processo que se desenvolve no interior do indivíduo e o impulsiona a agir, mental ou fisicamente, em função de algo. O indivíduo motivado encontra-se disposto a despende esforços para alcançar seus objetivos". Pois a motivação ajuda a minimizar a indisciplina na sala de aula.

Mas o que acontece realmente na escola é que, segundo Gonçalves (2007), além das aulas de Língua Portuguesa serem enfadonhas e difíceis, os professores usam o livro didático como uma muleta e não como um complemento. Assim, eles se tornam dependentes do livro e não abrem espaço para novidades e para o diálogo com os alunos. Por isso, o professor necessita refletir sobre sua prática e verificar suas metodologias e propor uma que atraia a atenção dos alunos para que eles não busquem fora da aula algo que possa passar o tempo.

Um contexto de ação-reflexão

No estágio de Língua Portuguesa realizado no sexto ao nono ano do Ensino Fundamental da Educação Básica foi observado que os professores passam atividades extensas no quadro para que os alunos possam copiar. Esta ação faz com que os alunos reclamem, não tenha atração pela matéria, cansem suas mãos copiando e aprendam muito pouco ou quase nada.

É o que descreve o psicólogo austríaco Alfred Adler (apud VICHESSI, 2009) ao afirmar que o aluno apenas escreve o que está escrito no caderno do professor sem passar nada na cabeça de ambos. Há uma insistência em passar muito conteúdo em uma única aula, o que deixa os alunos confusos por não conseguirem acompanhar e, por consequência, não aprendem nada. Pires (1999) afirma que muitos professores não estão preparados psicologicamente para lidar com esses problemas por motivos como o comodismo, má formação acadêmica e falta de apoio da escola.



Nesse aspecto, o período de estágio supervisionado de um curso de licenciatura em Letras nos proporciona um olhar mais crítico sobre a escola, nos faz refletir sobre as atitudes dos professores diante dos problemas que aparecem e como eles vêm todos os processos que compõem o ensino-aprendizagem na educação. O contato com a sala de aula e com os professores por meio de participação em conversas demonstra nesse ambiente que os professores se sentem desanimados e despreparados diante dessa realidade educacional.

Diante disso, o professor recorre ao sentimento de amor pelo que faz, como dizia Kempis (2013, p. 64) “muito faz quem muito ama. Faz muito quem faz bem aquilo que faz”. No entanto, as dificuldades existem em todas as profissões, por isso, é preciso que o professor esteja sempre em formação para conseguir resolver tanto o problema da indisciplina quanto outros problemas que possam aparecer, proporcionando ao aluno um ensino melhor e ao próprio professor uma oportunidade para analisar e refletir sobre suas práticas no contexto educativo.

Conclusão

Entender o contexto em que situa a indisciplina e suas causas são um passo importante para conseguir resolver as ações e os paradigmas que envolvem essa prática comum em escolas e que causa tanto incômodo a tantos professores. Por isso, a importância desta investigação.

A indisciplina, ao contrário do que muitos pensam, não está centrada apenas no comportamento do aluno, mas recebe influência internas e externas, ou seja, influências que vêm de dentro e de fora da escola.

As regras são importantes para que haja disciplina nas aulas, no entanto, o aluno precisa conhecê-las para poder decidir sobre o que pode e o que não pode fazer dentro da sala de aula. Por isso, o professor precisa mediar os procedimentos que regem as regras para que o aluno possa entendê-las e cumpri-las.

São muitas as causas da indisciplina e são várias as atitudes dos professores que podem contribuir para que possa minimizá-la ou não no contexto de ensino-aprendizagem. Diante disso, o professor necessita conhecer suas causas, assim como refletir sobre elas e propor soluções conjuntas com os vários sujeitos envolvidos.



Referências Bibliográficas

- ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 2. ed. Porto: Porto, 1994.
- FERRARI, Márcio. **Disciplina é um conteúdo como qualquer outro**. Entrevista com o Psicólogo Lino de Macedo. Revista Escola, junho/julho 2005.
- GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n. 95, p. 101-108, 2011.
- GONÇALVES, Maria Tereza. **O professor de língua portuguesa: modos de ensinar e de aprender**. AZEREDO, José Carlos (org). 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de S.R.NETZ. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Didática: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1993.
- PIRES, Dorotéia Baduy. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 66, p. 181-185, 1999.
- RIBEIRO, Aline Antunes. **Indisciplina: as vozes dos sujeitos da escola**. São Gonçalo, 2008.
- VICHESSI, Bianca. **O que é indisciplina**. SP: NOVA ESCOLA, 2009.
- KEMPIS, Tomás; ROQUETTE, J. I. **Imitação de Cristo**. 27. Ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.